

Res. Latam

A

**GRINALDA**

---

**REVISTA SEMANAL**

Dipl. 2

A

# GRINALDA

REVISTA SEMANAL  
LITTERARIA E RECREATIVA

REDACTOR EM CHEFE

*Dr. Constantino Gomes de Sousa*

EDITOR

*F. de Paula Brito*



**RIO DE JANEIRO**

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

64—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO—64

**1861**



# A GRINALDA

Revista Semanal Litteraria e Recreiativa

Publica-se quatro a cinco vezes por mez: uma brochura de 2 a 4 folhas de impressão (16 a 32 paginas). Subscrove-se na praça da Constituição n. 64, Typographia de Paula Brito, editor.

REDACTOR EM CHEFE — DR. C. GOMES DE SOUSA

## À SUA Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II

PELA INFAUSTA MORTE

DE

SUA Magestade Fidelissima

o Senhor D. Pedro V.

—  
Senhor!

Quasi sempre o infortunio acompanha de perto a felicidade do homem!—A's vezes no momento mesmo, em que o prazer mais doce e expansivo manda-nos do coração um riso aos labios, a dor mais pungente e cruel mata-nos esse prazer, apaga-nos com o seu pranto esse riso e longa e profunda fica-nos doendo n'alma.

Oh!.. como esta vida, Senhor, é cheia de contrastes horriveis!—Arvore enfesada e sombria, que vegeta e cresce em terreno ingrato e maninho, regado de lagrimas, como as suas flores são fanadas e amareletas, como os seus fructos são raros e amargos!..

Que vento gelado e medonho agita constantemente as grimpas negras dessa arvore que se chama—vida—e arremessa uma, por uma, todas as suas flores pallidas, um por um, todos os seus fructos pecos, sobre esse eterno lodacal de pranto que se chama o sepulchro!—

Como o infortunio acompanha de perto a felicidade do homem!— E desta verdade eterna eis a prova mais eloquente e irrefragavel:— Ao pé de um grande berço um grande tumulo!—

O mesmo sol que ha pouco se reflectia bello e radioso sobre as galas de um, quebrava os seus raios frouxos e merencorios sobre o crepe do outro!—

Emquanto um povo inteiro, dominado pelo espirito do mais puro, mais ardente e santo patriotismo, agrupando-se emderredor desse berço augusto, ou derramando-se como um oceano impetuoso pelo seio de uma grande nação, entoava hosannas ao Creador pelo ditoso natalicio do seu querido Manarcha, bem longe, nas formosas regiões d'além do Athlantico, um povo irmão, um povo amigo, gemia curvado ao peso do infortunio, diante do tumulo venerando do seu joven soberano!—

Oh! . . . como esta vida, Senhor, é cheia de contrastes horriveis!— No momento em que mais altas e viçosas se alevantam as nossas esperanças, a morte com a sua mão descarnada e fria as vai cortando barbaramente pela raiz e as arremessa rindo-se á noite pavorosa e eterna do passado!

Quem pudera crer nos grandes sentimentos e nas virtudes ensinadas pelo Evangelho, meu Deus, se não houvesseis plantado no coração do homem a crença profunda e santa de uma vida futura em que não ha gemer nem chorar, em que um riso da vossa infinita graça é o eterno sol que illumina os vossos escolhidos no seio da bemaventurança?—Quem pudera resistir corajoso e resignado aos embates violentos e incessantes da adversidade, se não fôra a doce esperança de futuros gozos na mansão ineffavel dos anjos?

Correm os tempos e a sua correnteza, que não retrograda nem para, vai-nos levando um por um todos os mais preciosos objectos das nossas intimas affeições e a saudade, triste alcion gemendo após elles, atravez da noite profunda do infortunio, vai tambem levando parte da nossa alma e da nossa vida! —

Hontem o vosso coração palpitava cheio das mais doces emoções, entre as bençãos do vosso povo; e hoje a dor mais aguda traspassa-vos os seios d'alma como a lamina buida de um ferro, e as alegrias

de hontem converteram-se hoje em canticos de morte, e o vento glacial do sepulchro vos gelou nos labios o riso da esperanza e do prazer, oh! Cesar!—

Ainda ha pouco um mancebo illustre, ostentando todo o primeiro viço da mocidade e symbolisando o glorioso porvir de sua nação, elevava-se tão alto e venerando como os primeiros monarchas do mundo; e recebendo inspirações de Deus, estendia ũa mão ao seu povo para levantá-lo do abatimento moral em que jazia, e com a outra apontando para o futuro:—Ergue-te, oh! povo, lhe dizia!— Sé grande, porque Deus collocou-me á frente dos teus destinos e Eu pela tua grandeza sinto que saberei fazer todos os grandes sacrificios, e a preço da minha propria vida saberei comprar a felicidade do meu paiz e farei que de novo seja respeitado o nome portuguez entre as nações do mundo, como nos gloriosos tempos dos Castros e Albuquerque.

Quanta esperanza, quanta dedicação, quanta gloria neste sublime protesto d'alma de um rei que nos primeiros annos da sua mocidade já era um dos maiores monarchas da terra!

E que é feito de todo esse immenso futuro de felicidade e de gloria para Portugal?—Despenhou-se no tumulto e sobre elle cerrou-se para sempre a porta da eternidade!

Tão moço ainda, na quadra mimosa das illusões e dos sonhos, Pedro Quinto já era o homem profundamente pensador, e, sabendo comprehender perfeitamente todo o alto alcance da sua grandiosa missão, o joven rei liberal não desdenhava-se de descer da altura sublime em que se achava collocado, e esquecer por alguns instantes os esplendores e o fuasto da realza, para nivelar-se com o povo e abraçar nas horas de agonia os seus subditos a quem chamava de irmãos!

Reinou apenas seis annos e durante este curto periodo soffreu com evangelica resignação os mais duros revezes da sorte e conquistou as glorias de um longo reinado.

Deus!—como indecifráveis são os vossos decretos!—Porque tão cedo tombar o cedro formoso do Libano, deixando ao desabrigo dos sóes e das ventanias os miseros arbustos que vicejavam á sombra d'elle e que hoje, desfolhados e emmurhecidos, debruçam-se da montanha deserta sobre as bordas do precipicio?

—Porque tão cedo. . .

Mas não. . . não é dado ao homem prescrutar a razão dos decretos de Deus!

Nobre e grande era a sua alma; e nem sempre as mais nobres almas são as melhor aquinhoadas na terra!—Quem sabe o que lhe estaria reservado no futuro em compensação das suas grandes virtudes, da sua heroica dedicação ao seu povo?

Sabia—o Deus e, primeiro que uma dor infinita lhe acabasse de despedaçar o coração já tão amargurado, Deus o chamou para Si, para a patria dos justos.—E ante os decretos divinos ao homem nada mais resta do que prostrar-se e orar!

E' a oração, subindo ao ceu nas azas da crença, o que nos acalenta n'alma as dores da saudade!—

Por tres poderosos titulos devieis amal-o, Senhor.—Vosso sobrinho, vosso afilhado e vosso amigo, o joven rei de Portugal devia tambem amar-vos muito! e emquanto hoje goza no seio immenso de Deus o premio das suas grandes virtudes e a Deus intercede pela segurança do vosso throno, pela prosperidade do Brazil, como pela da sua tão querida patria, Vós nas agonias da dor que vos dilacera o coração, deixai que se humilhe a magestade do Monarcha diante da divina magestade da Cruz e orai!—

No fervor da oração que se eleva a Deus nas azas da crença, é que o homem na terra encontra alivio ao peso do infortunio que indifferente invade o colmo do pobre como os salões brasonados do rei.

Dezembro 3 — de 1861.

---

Á

SEMPRE SENTIDA MORTE

DE

S. M. FIDELISSIMA

O SENHOR D. PEDRO V.

---

Moço e rei, rei e sabio—muito havia que esperar d'elle! . . .

Moço—sobrava-lhe vigor para empunhar o pesado scéptro de rei.

Sabio—não temesse a nação que o moço se desviasse da estrada que a prudencia lhe indicava.

Moço—sorria-lhe ainda o coração ao rebentar das esperanças; e

os doirados tectos dos palácios não lhe encantavam mais os olhos do que o céu estrellado das noites de estio, ou os prados enflorados das madrugadas vernaes! E quando ao pino da noite, levado nas azas da brisa, passava por seus ouvidos o écho saudoso da flauta soprada ao longe, despertava-se-lhe a alma das cogitações de rei para adormecer de novo ou no regaço da saudade que lhe tinham deixado uns amores que a morte viera roubar-lhe, ou para acalantar-se aos doces preludios de um outro amor que nascia.

Rei—por onde elle passava ia deixando a alegria e o festim, e o sorriso com que correspondia as saudações de regozijo de que o povo se enchia ao vel-o, era aquelle sorriso candido e acariciador que entre si trocam os irmãos.

Sabio—acurvava-se-lhe aquella cabeça juvenil já ao peso do talento de que Deus a enchera, já ao peso das lições que dos livros tomava: e era toda sua mira exhumar das ruínas a risonha prosperidade de que em outras eras a nação se engrandecera e que já os tempos iam abatendo.

Por demais prematura veio a morte!

Porque morrer aos vinte annos, ao primeiro raiar da primavera?

Nuvem negra e espessa, porque te foste antepôr ao brilho do sol que surgia e em que tantos olhos se fitavam?

Vento da tempestade, porque passando pelo campo foste quebrar o cédro, cujos galhos enfeitados de folhas, como que esperavam os raios do sol para dar-lhes poiso?

Morte, porque vieste como a nuvem cobrir com o teu véo de tristezas a face risonha do porvir de uma nação?

E como o vento fez ao cédro fizeste do alto do throno, em que tão bem se assentava, descer até o fundo do jazigo o moço rei que ali era o alvo das esperanças de um povo inteiro!

Não ha ouvir-lhe a razão.

E entretanto, vigor, mocidade, saber e realeza, tudo desceu com o homem á noite do sepulchro!

Nem com a mocidade, com o talento e a realeza elle pôde sopear o destino que Deus—ou a fatalidade— lhe traçara.

Tinha de ser—foi!

Moço tambem—sentimos dilacerar-se-nos de dor o coração ante o feretro que vai levar ao jazigo dos mortos o cadaver d'aquelle que ainda ha pouco víamos sorrir com o sol da primavera que despontava.

Enthusiasta como somos do talento, cala em nossa alma o sentimento que desperta a morte de um talento em flor.

Vassallo—de um rei benigno e incançavel pela prosperidade do paiz em que tivemos o berço, lamentamos do intimo do peito com o povo que o perdeu, a morte do rei de quem tanto ainda tinha que esperar a nação.

Dezembro 3—de 1861.

*Bruno Seabra.*

---

## BIOGRAPHIA

DE

**ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUSA**

---

A morte, o nada, a eternidade, eis tudo!  
TEIXEIRA E SOUSA.

Não é só por uma natureza esplendida, por uma fertilidade sem limites, pela riqueza do solo, pela bondade do clima e por um céu brilhante e puro, que o Brazil se recommenda no mappa das nações; não é só pela fecundidade do seu terreno, pelo ouro de suas minas, pelos seus rios magestosos, pelos seus montes gigantescos que se póde dizer que o Brazil foi abençoado por Deos na hora da criação.

Neste paiz, cujo nome, como diz Freyrinet, recorda tudo quanto a natureza tem de mais bello e fecundo, abundam tambem os talentos e os genios. Não ha só riqueza physica, uberdade de solo, ha tambem riqueza de intelligencia, fecundidade de talento.

E assim devera ser.

Para saudar essa natureza brilhante do paiz, para cantar esse sol sempre ardente, essa lua sempre clara, esse céu sempre azul,

esses bosques sempre verdes, essa primavera que não morre, eram necessarios genios, Deos os creou no paiz que devia lembrar no mundo o — Paraizo de Adão. —

Não é necessario recordar nomes de filhos distinctos desta terra abençoada; elles abundam. Basta lembrar um nome só — o de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa.

Nasceu Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa na cidade Cabo-Frio em 28 de Março de 1812; era filho legitimo do negociante Manoel Gonçalves e D. Anna Teixeira de Jesus, que viviam contentes no remanso da paz domestica, dispendo de fortuna mediana.

Em consequencia da morte de sua esposa e dos negocios politicos da independencia do Brazil, experimentou Manoel Gonçalves graves embarços na sua vida commercial. Liquidou o seu negocio, procedendo com honra no pagamento aos seus credores; e o pouco que lhe ficou, reservou para comprar um predio e alguns escravos.

Porém, quanto não soffreu então Manoel Gonçalves! Dispendo de alguns meios, determinara que seu filho mais velho, chamado Antonio, cultivasse o estudo, tendo-o já matriculado, na idade de 10 annos, na aula de latim; vendo-se, porém, agora sem recursos, não podia dar a seu filho a instrução que almejava, não podia satisfazer os seus desejos de pai; e o menino Antonio foi ser carpinteiro; a pobreza fechara-lhe as portas das aulas.

Ah! quantas vezes, a falta de recursos, a miseria não obriga o mancebo a trilhar uma carreira bem diversa d'aquella que devera ter! quantas vezes não se podera ter feito do pobre aprendiz de carpinteiro, de pedreiro, um homem intelligente, um litterato, um poeta! quantas vezes não fica occulta, debaixo do chapéo réto do pobre artesão, uma intelligencia bella, que resplandeceria muito e muito se fora cultivada!

Tambem a flor mimosa, que podia ser linda e rica de perfumes, vegeta sem côr e sem aroma no meio das mattas que a abafam.

Durante 5 annos entregou-se o pequeno Antonio ao officio de carpinteiro. E foram 5 annos de soffrimento para o pobre moço!

Tinham-lhe mudado a inclinação, tirade-lhe os livros, dando-lhe em troca os pesados ferros do trabalho. Ao principio a necessidade obrigou-lhe a supportar tudo, mas por fim as forças o abandonaram, o corpo descahiu e o pobre moço deixou o officio porque lhe sobrevieram enfermidades.

Mas apesar de abatido o organismo a intelligencia, queria ap-

parecer, e mesmo enfermo, entregava-se o joven Antonio á leitura e ao estudo.

De 1830 a 1834 seu pai Manoel Gonçalves se foi acostumando a contar cada anno por uma infelicidade; cada anno perdia um filho; correram 5 annos, e 5 filhos de Manoel Gonçalves desceram ao tumulo! E todos falleceram não tendo mais de 13 annos!

Então Antonio ficou só, e o que era pouco para educar 6 filhos, era agora sufficiente para dar instrução a um só. Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa continuou com os seus estudos de preparatorios.

Alguns amigos e comparochianos seus quizeram cotisar-se, para favorecer Teixeira e Sousa nos seus estudos, mas elle recusou esse nobre offerecimento.

Vindo para a corte, onde fixou a sua residencia, encontrou Teixeira e Sousa um amigo sincero e devotado; foi o Snr. Paula Brito, que se offereceu ao joven poeta para ajudal-o, desejando que elle se formasse; mas ainda desta vez Teixeira e Sousa recusou.

E aqui não podemos calar uma palavra de gratidão. Não é esse o unico offerecimento generoso que tem partido do Snr. Francisco de Paula Brito; poderíamos lembrar muitos outros actos dignos de elogio desse prestimoso cidadão que sabe proteger e animar os mocos intelligentes, que desejam fazer alguma cousa pelas letras do paiz.

Aos 34 annos de idade Teixeira e Sousa casou-se, obtendo pouco depois a nomeação de professor publico de instrução primaria. O despacho foi assignado pelo Snr. Monte Alegre.

Necessitando de mais recursos, porque via augmentar-se-lhe a familia, requereu ao governo o lugar de escrivão de orphãos da cidade de Macahé, que se achava vago.

Fazendo ao Imperador um memorial em verso, em que descrevia o estado precario da sua vida, chegou esse documento ás mãos do Monarcha por intermedio do Snr. Conselheiro Nabuco de Araujo, que occupava então a pasta do ministerio dos negocios da justiça.

S. M. O Imperador nomeou o poeta escrivão do juizo commercial desta corte.

Tal era o amor que tinha á sua familia, tal a sua virtude civica, a sua honradez, que apezar de poeta, quiz escravisar a sua intelligencia ás formulas pesadas dos requerimentos e dos autos!

Na idade de 18 annos começara Teixeira e Sousa a sua carreira litteraria, a sua vida de autor. A sua primeira composição de vulto foi uma tragedia em 5 actos e em verso, intitulada: *Cornelia*.

Fallando dessa tragedia disse um critico « *eu a considero como uma bella tentativa, um esperançoso ensaio, que mostra não o que é o seu autor mas o que pôde ser.* »

Depois foram apparecendo muitas outras obras de Teixeira e Sousa. Escreveu o lindo poema *Tres dias de um noivado*, talvez a melhor obra do poeta; o poema a *Independencia do Brazil*, em oitavas rimadas e que foi publicado com o retrato do autor; *Canticos Lyricos* ou colleção de versos em 2 volumes; a tragedia em verso o *Cavalleiro Teutonico* e varias poesias, que appareceram na *Minerva Fluminense*, no *Mosaico Poetico* e em outros jornaes litterarios.

Compoz diversos romances que são apreciados pelos amantes das letras. Estes romances são: a *Providencia* que foi publicado em folhetim no *Correio Mercantil*; o *Filho do Pescador* em 1 volume; *Maria ou a menina roubada* em 2 volumes; os romances historicos as *Fatalidades de dous jovens* em 2 volumes; as *Tardes de um Pintor* e *Gonzaga ou a conjuração de Tira-dentes* em 2 volumes.

Extraviou-se a maior parte de um romance começado e que tinha por titulo *Julio e Paulino*, e o mesmo succedeu a um poema intitulado os *Genios* do qual appareceram alguns episodios na revista denominada—*Guanabara*.

Para a inauguração da estatua equestre do Senhor D. Pedro I, compoz Teixeira e Sousa um canto inaugural, que pára em poder do Sr. Paula Brito.

E foi essa a ultima composição do distincto escriptor!

Affectado de uma hepato-enterite, falleceu Teixeira e Sousa em 1 de Dezembro de 1861, sendo sepultado, no dia seguinte, no cemiterio de S. Francisco Xavier, no carneiro n. 854.

Teixeira e Sousa era de côr parda, usava de barba cerrada, tinha estatura regular e fallecen com 49 annos.

Era um litterato modesto, poeta distincto, e homem dotado de uma perseverança e força de vontade proprias dos grandes genios. Quando queria, podia; a sua vontade era inabalavel, a sua intelligeacia não conhecia tropeços. A sua lealdade e gratidão para com os seus amigos eram iguaes, as suas virtudes civicas; nunca foi ingrato aos seus, e viveu amando e engrandecendo o seu paiz. Character elevado e independente, só se dobrava ao de-

ver, superior á todas as seduccões, conservou-se sempre pobre e sem honras, legando á patria e a seus seis filhos, que ficaram no desamparo, um nome sem mancha.

Occulto no seu cartorio, ahí vivia o pobre poeta, esquecido de todos, e repetindo talvez estes seus versos :

Miseros ! porque os vates quasi sempre  
Ouro não tem p'ra dar, não tem grandezas  
Aos vates menospresam!

Quando o Snr. Juiz do Commercio da 1.<sup>a</sup> Vara, soube que fallecera o escrivão Teixeira e Sousa, disse compungido : *o commercio perdeu um escrivão, cuja falta é irreparavel. Eu, seu juiz, sei o que elle era.*

Sobre o tumulo de tão distincto brasileiro eleve a patria um hymno de gratidão, e deixe cahir as flores da saudade.....

*Moreira de Azevedo.*

---

# AS MULHERES

POR

AFFONSO KARR.

---

I.

EM QUE O AUTOR DECLARA A MODESTIA DE SUAS INTENÇÕES.

Não tenho intenção de, a proposito das mulheres, escrever um livro, um tratado, nem de provar cousa alguma. O homem de boa fé, que se lembrar das opiniões diversas que tem tido sobre as mulheres desde a infancia até a velhice, verá que todas

essas reminiscencias formam um completo cháos, reconhecerá que está tão adiantado como no primeiro dia, e que, se lhe fosse dado recommençar a existencia, teria muito que aprender durante essa segunda vida, e no fim della estaria sempre no mesmo estado de ignorancia.

E demais, o que é que o homem sabe? O velho conhece tanto o que convem a um velho, como o moço o que póde aproveitar a um moço.

*A velhice de nada ao homem serve:  
E' calouro e noviço em qualquer tempo!*

Direi a respeito das mulheres aquillo que sei e que me fôr occorrendo á memoria, o que tenho lido e observado; e tudo isso direi sem methodo nem pretensão, como se estivessemos conversando.

Antes, porém, de começar, cumpre-me responder a uma accusação que já vejo suspensa por sobre minha cabeça. Por vezes tem-me acontecido fallar das mulheres com certa amargura; agora terei occasião de fazer-lhes algumas observações, algumas censuras, e sem duvida muitas das minhas leitoras dirão: « Este homem é inimigo das mulheres. » Peço-lhes que tenham a bondade de não formularem levemente uma accusação tão grave e de tomarem em consideração os seguintes argumentos: As mulheres desagradam-me quando, cedendo a uma ridicula moda ou a uma idéa erronea, parecem esforçar-se por serem menos mulheres;—quando querem despir-se de seus encantos, de seus dotes, expondo-se a perder o imperio que lhes foi dado, a doce tyrania que exercem.

Póde acaso dizer-se que não gosta de vinho aquelle homem que emprega todos os seus cuidados em conservar-lhe o sabor e o perfume? e, vendo-o arrolhar escrupulosamente as garrafas, accusal-o-hão como despota cruel que condemna o licor de Baccho a uma escravidão insuportavel, só porque esse homem não quer que o liquido saboroso se torne insipida bebida?

Demais, se eu dissesse outra cousa, se eu fizesse ás mulheres accusações mais graves e mais injustas, provaria isso alguma cousa? Não sabem porventura que aquelles, que dellas mais se queixam, são justamente os que por ellas morrem? A historia, que lemos ou que se passa a nossos olhos, não nos diz que todos os grandes detractores das mulheres não passam de fanfarrões

que expiam em escravidão domestica a liberdade de que blasonam em publico!

Salomão, que em seus *proverbios* não poupa as mulheres e as declara « mais amargas do que a morte, » sacrifica-lhes tudo, até o Deus dos Hebreus.

Euripedes, que em suas tragedias trata-as severamente, gostava tanto dellas que, segundo nos conta Athenêo, não só casara-se com duas mulheres, conforme o permittia a lei, mas ainda ia fóra de casa buscar um supplemento aos grilhoes de que fallava com tamanho desdem.

Quanto a Boileau o caso muda de figura; dão-se em seu favor duas circumstancias tristemente attenuantes: primeira: — a sua raiva não é original, mas traduzida do latim, segunda: — um perú foi o culpado de tudo. Niguem se lembra de Boileau quando criança, nem a imaginação facilmente se transporta ao tempo em que o poeta não tinha aquella immensa cabelleira e aquelle ar enfatiado e severo que elle proprio attribuia ao desgosto de se ver *mal gravado*. No emtanto todos os que têm escripto a seu respeito, concordam em dizer que elle foi criança, e a duvida neste ponto não é permittida.

Um dia, quando Boileau era menino, um perú malfazejo atirou-o ao chão e ferio-o com bicadas de tal modo que o pobre pequeno ficou maltratado por toda a sua vida. E' elle o unico d'entre os criticos das mulheres que não expiou aos pés das offendidas o mal que lhes causou com a penna na mão; o unico a quem uma dellas não fez pagar o que dizia de todas; o unico, enfim, a quem se não possa applicar aquella confissão do poeta:

*Odeio o sexo, mas por ellas morro!*

E' na verdade curioso o comparar tudo quanto se tem dito contra as mulheres, desde a origem do mundo, com o imperio que ellas têm exercido sem interrupção sobre os homens de todos os tempos. Ouçamos Salomão: « A graça da mulher é enganadora; a sua mesma bondade é um vicio: » diz elle nos seus *proverbios*, e mais longe accrescenta: « O homem apaixonado segue a mulher como a rez conduzida ao sacrificio. »

São tantos os peixes no mar, dizia Códoro, tantas as estrellas no firmamento, quantas as astucias no coração da mulher!

O sisudo Hippocrates, censura as mulheres pela « malicia natural. »

Socrates dizia, « E' menos perigoso ficar só com um drogão, do que com uma mulher. » logo depois « Devemos receiar mais o amor de uma mulher, do que o odio de um hsmem. »

S. Paulo recommenda ás mulheres que se submettam ao homem; segundo o apostolo ellas devem aos homens tanto respeito quanto estes prestam a Deus. O santo não permite que ellas fallem na igreja, nem que unam suas vozes ás dos sacerdotes, quando entoam os louvores do senhor.

A historia e a fabula de accordo fazem as mulheres responsaveis por todos os males que têm affligido a raça humana, e citam Eva, Dalila, Pandóra, Dejamira, Helena, as filhas de Danao, etc.

Os christãos não permitem ás mulheres o exercicio das funções sacerdotaes; a jurisprudencia exclue-as da tribuna.

Mahomet fecha-lhes a porta do seu paraíso ao mesmo tempo que ahí recebe o *carneiro*, que substituiu o filho de Jacob no momento em que ia ser sacrificado; a *baleia* que engolio Jonas; a *formiga* que Salomão nos seus proverbios apresenta ao homem como modelo, e o *papagaio* da rainha de Sabá.

Em geral, diz Tito Livio, as mulheres são mais meigas em publico do que no lar domestico.

« E' trabalho inutil fazer escolha entre mulheres; nenhuma vale a pena; » é Plauto quem o assegura.

S. Chrysostomo ainda diz peor. Seneca, o philosopho, pretende que « O unico indicio, que póde fazer suppor virtude na mulher, é a fealdade. »

Os rabbinos commentando a lei zelotypia—o ciúme—, ao chegarem a esta questão: « quanto tempo póde uma mulher ficar só com um homem, que não seja seu marido, para que este tenha o direito de suppor-a adullera e a trate como tal? » respondem os rabbinos « O tempo preciso para aquentar um ovo e comel-o. »

« A mulher mais innocente, diz Brantome, engana o homem mais astuto sem que este dê fé do engano.

(Continúa).

## COMO EU TE ADORO.

Como ama á patria o peregrino ausente,  
Ou como as flores a serena aurora,  
E como ao pranto a eternal saudade,  
Assim minh'alma ao teu amor adora !

Não ama á noite a fulgurante estrella ?  
Não ama á vida o moribundo enfermo ?  
Não ama aos ares remontar-se a aguia ?  
Não ama o bardo á solidão de um ermo ?

Como ama ao céu o religioso incenso,  
Ou como o preso ao perdão que implora,  
E como a lua quem gemeu de amores,  
Assim minh'alma ao teu amor adora !

Não ama á terra o matutino orvalho ?  
Não ama á luz o cambear das cores ?  
Não ama á tarde o suspirar da rôla ?  
Não ama á brisa bafejar as flores ?

Como ama á gloria o guerrilheiro ousado,  
Ou como o — triste a quem seu mal deplora,  
E como o sol o passarinho implume,  
Assim minh'alma o teu amor adora !

Não ama ao fogo a mariposa louca ?  
Não ama a virgem á divinal pureza ?  
Não ama o prado á primavera linda ?  
Não ama a arte á ideal belleza ?

Como ama á patria o peregrino ausente,  
Ou como ás flores a serena aurora,  
E como ao pranto a eternal saudade,  
Assim minh'alma ao teu amor adora.

18 de Novembro de 1861.

*B. da Silva.*

RENOVATO (*senta-se*).

E' curioso; eu te conto como isto foi. Eram 2 para 3 horas da madrugada, pouco mais ou menos; fazia um calor que suffocava; desesperado accendo um charuto, abro a janella e ponho-me a fumar, apreciando o sereno e o luar da madrugada. Eis que vejo sahirem dous vultos do armazem de molhados froneiro. Immediatamente apago o charuto e escondo-me de modo que os pudesse ver sem ser visto. Os dous vultos demoraram-se a conversar em pé na porta da rua alguns instantes, no fim dos quaes um delles entra e pouco depois volta com uma garrafa e um copo que encheu não sei de que liquido e deu ao outro para beber. Feito isto, torna a entrar com o copo e a garrafa; depois sahe, fecha a porta por baixo da qual põe-se a meter a chave, enquanto o desgraçado companheiro dava alma ao diabo, ali mesmo, aos pés do ladrão que, querendo verificar se effectivamente o infeliz estava morto ou vivo, levanta-o pela cabeça, põe-n'o em pé e, abandonando-o a todo o seu peso, deixa-o cahir sobre o lagedo da calçada. O som que produziu, cahindo, foi tão surdo, tão lugubre, tão horroroso que arripiaram-se-me as carnes e o cabello e eu ali fiquei mudo, immovel e frio como uma estatua de pedra. Depois, apenas tornei a mim de tamanho susto, e já tendo-se o assassino retirado, desci, fui direito ao cadaver, corri-lhe as algibeiras, para vêr se encontrava algum indicio, que me pudesse esclarecer aquelle mysterio, que se estava operando debaixo dos meus olhos sem que eu comtudo pudesse comprehendel-o. O resultado do meu exame foi encontrar a carta de que te fallei e sahir mais convencido de que esta terra é a terra propicia aos ladrões e aos assassinos, porque, meu caro, é nessas occasiões que a policia dorme profundamente o beatifico somno do indolencia; viva alma não transitava nas ruas; estava tudo deserto.

GUILHERME (*sentando-se*).

Fatalidade horrivel! . . .

RENOVATO.

Estás incommodado, mudo de conversa.

GUILHERME (*levantando-se frenetico*).

Não; agora quero saber tudo. A carta? Deixa-me ler a carta . . .

RENOVATO.

Eu leio-a . . .

GUILHERME.

Sim . . . lê . . .

RENOVATO (*lendo*).

« Amigo Reginaldo, é chegado o dia de pormes em pratica o nosso projecto; depois de amanhã tem de partir para os Estados-Unidos da America um vapor mercante; já fallei com o commandante John-Smith que prometten-nos dar passagem segura mediante a quantia de tres contos de réis. (*Para Guilherme*). Que pechineha! Quem nos dera!..

GUILHERME (*se aproximando d'elle*).

E' verdade...

RENOVATO.

Cumpre dizer-te que tenho boa vista, não heide augmentar nem diminuir sequer uma virgula. Assim pois, conserva-te em respeitosa distancia... e ouve-me.

GUILHERME (*d parte e sentando-se*).

Has de pagar-me quanto estás me fazendo soffrer.

RENOVATO (*lendo*).

« Hoje á meia noite debes esperar-me no *Hotel do Universo*, d'onde partiremos ás duas horas da madrugada, depois de havermos enxugado algumas garrafas do-porto-velho. (*Rindo-se*). Que taes eram os dous da patuscada!..

GUILHERME (*levantando-se nervoso*).

Continúa e acaba com todos os diabos.

RENOVATO.

Não é preciso te impacientares; lá vai. (*Continúa a lér*). « A porção do liquido que te dei, não deixes de deitar dentro do garrafão de vinho que o teu amo tem no quarto, segundo me disseste, e que costuma beber ao deitar-se. (*Para Guilherme*). Bom gosto: era por causa das pulgas. (*Guilherme faz um gesto de impaciencia, Renovato continúa a lér*). Deves temperar o vinho justamente na hora em que elle estiver para recolher-se ao quarto, porque, mais cedo, póde algum devoto da boa pinga lá entrar, querer provar d'ella e ás duas por tres frustrar-nos o plano tão bem combinado. Não esqueças o que tantas vezes te tenho recommendado: toda a cautela é pouca; o vidro, em que está o liquido, apenas o esviasares, quebra-o; esta carta condemna ao fogo e não deixes sem arder o mais pequeno fragmento d'ella. E' mais vene-

nosa do que o acido prussico; porque a sua acção se voltaria sómente contra a nossa vida. Adeus, até meia noite no *Hotel do Universo*. »  
(*Para Guilherme*). Creio que dispensas a assignatura.

GUILHERME (*tremulo e ameaçador*).

Miseravel, ou dás-me esta carta, ou morres.

RENOVATO.

Assassino, ou dás-me o dinheiro, ou vou denunciar-te á policia. (*Conservam-se mudos e ameaçadores, entra Fernando*).

### Scena VII.

OS MESMOS E FERNANDO.

FERNANDO.

Que diabo é isto? Estão jogando o siso?

RENOVATO (*impaciente*).

Sempre importunos! (*Resoluto para Guilherme*). Decididamente não se faz negocio, meu caro, e eu vou ver quem m'a compre por bom preço. (*Vai querendo sair, Guilherme o impede*).

GUILHERME.

Um instante . . .

FERNANDO.

Se é segredo, retiro-me.

RENOVATO.

Desejamos concluir um certo negocio de importancia, porém dispensamos testemunhas.

GUILHERME.

Querias dizer-me alguma coisa, Fernando?

FERNANDO.

Venho da parte de Romualdo convidar-te para ir jogar em outra mesa em que não está jogando Silverio.

GUILHERME.

Dize-lhe que já lá vou.

FERNANDO.

Então até logo; estimo que sejam felizes nas suas transacções. (*Sahe*).

RENOVATO

Boa viagem.

### Scena VIII.

RENOVATO E GUILHERME.

RENOVATO.

Acabemos de uma vez com isto.

GUILHERME.

Quanto queres?

RENOVATO.

Quinhentos mil réis por ora.

GUILHERME.

Pela carta?

RENOVATO.

Não: pelo segredo unicamente.

GUILHERME.

E o que pretendes fazer da carta?

RENOVATO.

Convertel-a em arma poderosa contra ti, se porventura me quizeres armar alguma carrapata. Creio que quem falla assim não engana.

GUILHERME.

Não de certo; e para provar-te o quanto avalio a tua franqueza, em lugar de quinhentos, vou dar-te oitocentos mil réis, (*Dá-lhe o dinheiro*).

RENOVATO (*recebendo*).

Generoso como um ladrão ou como um jogador. (*Contando o dinheiro*).

GUILHERME.

E' todo o que me havia ficado . . .

RENOVATO (*guardando o dinheiro*).

Grande Guilherme, se eu mandal-os á gloria, restituo-te este dinheiro com os seus competentes juros. (*Entra Romualdo*).

---

**Scena IX.**

OS MESMOS E ROMUALDO.

ROMUALDO.

Passar assim é que é passar; de outra maneira não comprehendo a vida. Bôa mesa, bôa companhia, prazeres e distrações de todo o genero, esquecimento absoluto do dia de amanhã, dinheiro sempre nas algibeiras . . . E depois diga-se que o céu não é na terra uma vez que se viva assim . . .

RENOVATO.

Sou completamente do teu parecer no que toca a saber levar a vida; tanto mais quando estou munido de uma bôa artilharia. (*Bate nos bolsos*).

ROMUALDO.

Que milagre é este, Renovato? Vem cá.

RENOVATO.

Estou com pressa; na volta conversaremos. (*Sahe*).

---

**Scena X.**

ROMUALDO E GUILHERME

GUILHERME (*á parte e sentando-se*).

Estou perdido se Renovato vive além de hoje.

ROMUALDO.

Que tens, Guilherme?

GUILHERME.

Não sei que vaga tristeza me opprime o coração; sinto-me acabrunhado.

ROMUALDO.

Ora historias, homem! põe de parte as tristezas e toca a folgar. Quem tem dinheiro deve atirar-se ao turbilhão dos prazeres e saborear a vida enquanto não chega a morte.

GUILHERME (*com ar hypocritamente doloroso*).

Isso é bom para quem tem dinheiro e não para mim que, por ser pobre, vivo a soffrer insultos de todo o mundo. Tu mesmo foste testemunha do que ha pouco soffri de Silverio que, sem o menor motivo, atirou-me com o baralho de cartas ao rosto, protestando nunca mais sentar-se em mesa de jogo onde eu estiver.

ROMUALDO.

Mas has de jogar nas rodas em que eu jogar; e para isso mandei-te chamar por Fernando ainda ha pouco; porém, como não foste, vim eu mesmo chamar-te. Formei uma mesa excellente com optimos parceiros.

GUILHERME (*com hypocrisia*).

E julgas-me capaz de pegar em cartas ainda hoje, depois do insulto que soffri?

ROMUALDO.

Com effeito não deixei do estranhar aquelle procedimento de Silverio que, por ser meu cunhado, julga-se com direito de insultar amigos meus em minha casa. Mas hei de reprehendel-o, Guilherme, e fica certo de que de hoje em diante Silverio será riscado do rol dos meus amigos. Entretanto condemna ao desprezo todos esses miseraveis que te fazem guerra sómente por espirito de inveja.

GUILHERME (*sempre hypocrita*).

Eu bem sei que soffro tudo isto porque sou teu amigo; estou por tanto disposto a deixar de frequentar-te; não quero que aquelles, que tanto se occupam com a minha vida, comecem a dizer por ahi que estou delapidando a tua fortuna... e sabe Deos o que elles já não terão dito!

ROMUALDO.

O peor é lhes dares importancia. O que elles desejam é verem-nos inimigos, e não descansarão enquanto não conseguirem seus fins.

GUILHERME (*affectando um nobre resentimento*).

Pois esse gosto é que nunca lhes hei de dar; nunca, Romualdo. E qualquer que seja a nossa posição na sociedade, eu te juro pela memoria de meus pais, por tudo quanto ha mais puro e sagrado, juro-te por Deos, que nunca deixarei de ser teu amigo.

ROMUALDO (*apertando-lhe a mão*).

Juro-te o mesmo, Guilherme; seremos amigos até na desgraça, se um dia tivermos de ser desgaçados; o que Deos não permitirá.

GUILHERME (*com raiva concentrada*).

Assim unidos, poderemos zombar da humanidade inteira, d'essa humanidade que odeio profundamente. Sim, Romualdo, hoje pela primeira vez vou abrir-te o meu coração; quero que leias nelle, como n'um livro aberto, o odio implacavel que voto á raça dos homens, tão cheia de miserias e de orgulho ao mesmo tempo.

ROMUALDO (*impressionado*).

E qual a origem de tamanho odio, Guilherme?

GUILHERME (*com riso de profundo sarcasmo*).

A origem?! E' o que delles eu tenho soffrido e continuo a soffrer ainda, Romualdo. Meus pais eram muito ricos, morreram na indigencia, abandonados, perseguidos até por aquelles mesmos que d'elles haviam recebido os maiores favores e por cuja causa ficaram reduzidos a tão deploravel estado. Minha irmã, logo depois da morte de meus pais, foi prostituida por aquelle hespanhol que esta madrugada roubaram e assassinaram. No fim de um anno elle abandonou-a na degradação, na infamia. Poucos tempos depois de abandonada, a infeliz morreu aberta em chagas, mal envolta em velhos andrajos e estendida no adro de uma igreja!! Ao lado desse cadaver de poucas horas e já quasi todo apodrecido, estava deitada uma criancinha de 6 para 7 annos, pallida de miseria e enregelada de frio. Era eu, Romualdo! e lembro-me de tudo isto como se fora hontem. Orphão, desvalido, sem parente nenhum na terra, entrei para casa de teu pai. D'ahi em diante o periodo cruel das afrontas e dos insultos. Convencido de que não ha compaixão nos homens, protestei por minha vez tambem ser o mais desapiadado de todos elles; e então cada insulto, cada afronta que tenho recebido e que continuo a receber, tem